

# O PROTAGONISMO AUTÔNOMO DE CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL POR MEIO DE UMA HISTÓRIA DE FAZ-DE-CONTA (HFC)

## THE AUTONOMOUS PROTAGONISM OF CHILDREN IN SCIENCE EDUCATION IN THE INITIAL YEARS OF FUNDAMENTAL EDUCATION THROUGH AN HISTORY OF MAKE-BELIEVE (HFC)

**Wagner da Cruz Seabra Eiras<sup>1</sup>, Cristhiane Carneiro Cunha Flôr<sup>2</sup>,  
Paulo Henrique Dias de Menezes<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais –  
Campus Juiz de Fora, Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de  
Juiz de Fora

<sup>2</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação

<sup>3</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação

<sup>1</sup>[wagner.seabra@ifsudestemg.edu.br](mailto:wagner.seabra@ifsudestemg.edu.br), <sup>2</sup>[criscunhaflor@gmail.com](mailto:criscunhaflor@gmail.com),

<sup>3</sup>[paulo.menezes@ufjf.edu.br](mailto:paulo.menezes@ufjf.edu.br)

### Resumo

Neste trabalho analisamos o protagonismo autônomo de Gilson, aluno de uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal do interior de Minas Gerais, nas atividades desenvolvidas durante as aulas de Ciências, por meio de uma história de faz-de-conta (HFC). A pesquisa foi realizada numa abordagem qualitativa sócio-histórica, na qual os dados foram coletados a partir de gravações em áudio e em vídeo e através de conversas informais. Este estudo mostra que a HFC serviu de mecanismo de disparo do protagonismo autônomo de Gilson, considerado como aquele independente das orientações de um adulto, materializado na sua brincadeira de faz-de-conta de cientista, realizada no quintal de sua casa. Acreditamos que o incentivo ao protagonismo autônomo da criança nas atividades escolares seja estendido para o ambiente familiar pela própria criança, auxiliando na sua formação como cidadão capaz, ético, responsável e corajoso no enfrentamento de desafios.

**Palavras chave:** história de faz-de-conta, protagonismo autônomo, educação em ciências, ensino fundamental.

### Abstract

In this work we analyze the autonomous protagonism of Gilson, student of a class of the 5th year of Elementary School of a municipal school of the interior of Minas Gerais, in the activities developed during the science classes, through a history of HFC make-up. The research was carried out in a qualitative socio-historical approach, in which the data were

collected from audio and video recordings and through informal conversations. This study shows that the HFC served as a trigger mechanism for Gilson's autonomous protagonism, considered as independent of the orientations of an adult, materialized in his play as a scientist pretending to be in the backyard of his house. We believe that encouraging the autonomous role of children in school activities is extended to the family environment by the child, helping in their formation as a capable, ethical, responsible and courageous citizen in facing challenges.

**Key words:** history of make-believe, autonomous protagonism, science education, elementary school.

## Introdução

Durante grande parte da Idade Média, “as crianças foram consideradas como meros seres biológicos, sem estatuto social nem autonomia existencial” (SARMENTO, 2004, p. 3). Assim, “é comum que os adultos vejam as crianças de forma prospectiva, isto é, em uma perspectiva do que se tornarão – futuros adultos, com um lugar na ordem social e as contribuições que a ela darão” (CORSARO, 2011, p. 18).

Apesar disso, de acordo com Lopes (2018), a Sociologia da Infância auxilia-nos a entender a infância como uma construção social, na qual a criança é considerada como um protagonista social num determinado momento histórico-geográfico presente. Segundo Friedman (2017), desde os primeiros anos de vida, as crianças são protagonistas durante a maior parte do tempo, já que se expressam livremente das mais variadas formas, com o mínimo de intervenção ou impedimento dos adultos.

## O protagonismo infantil

Saramago (2005) demonstra a capacidade de protagonismo das crianças nos processos de autoconstrução de identidade, assim como na construção identitária de outros grupos sociais com as quais interagem. Segundo a autora, as crianças como agentes sociais são dotadas de autonomia, o que lhes confere mais do que o papel de sujeitos da hierarquia social, dispondo apenas de um conjunto de ações definidas à priori. Nesse sentido, o protagonismo da criança expande o significado etimológico da palavra protagonista, referente ao ator principal de uma encenação teatral, cuja ação fica restrita ao *script* determinado pelo autor. Corsaro (2011) corrobora essa concepção, considerando que, quando o protagonismo tem natureza autônoma, reflete os processos de construção próprios de culturas específicas da infância.

Vários estudiosos da infância caracterizam as diferentes formas de participação das crianças, entre eles Hart (1992); O’Kane (2013); e Fernandes (2009).

Hart (1992) considera que a verdadeira participação das crianças acontece quando elas participam das tomadas de decisão, sendo, pois, consideradas e respeitadas como agentes sociais ativos, construtoras das suas culturas de pares e participantes da produção do mundo adulto.

O’Kane (2013) apresenta três modalidades de participação das crianças nos projetos desenvolvidos pela organização “*Save the Children*”<sup>1</sup>: a consultiva; a colaborativa; e a

---

<sup>1</sup> Organização do Reino Unido, cujo objetivo é proteger os direitos das crianças, consideradas cidadãs ativas de hoje e do amanhã.

protagonizada pela criança. Na participação protagonizada são proporcionados o espaço e a oportunidade para as crianças iniciarem e preconizarem as atividades por elas mesmas, controlando o processo. Nessa modalidade de participação, os adultos servem como facilitadores em vez de líderes.

Fernandes (2009) define três possíveis patamares de participação das crianças: mobilização; parceria; e protagonismo. No patamar do protagonismo o processo depende, exclusivamente, da ação da criança, cabendo ao adulto o papel de consultor disponível e presente.

A partir dos modelos de participação das crianças, propostas por Hart (1992), O’Kane (2013) e Fernandes (2009), consideramos que a participação das crianças pode acontecer em dois níveis: protagonismo orientado, quando exercido pela criança a partir da orientação direta do adulto – ou sujeito mais capaz; e protagonismo autônomo, quando exercido pela criança, independente do adulto – ou sujeito mais capaz.

O protagonismo autônomo das crianças é bastante evidente nas brincadeiras de faz-de-conta, nas quais elas imaginam cenários e atuam como protagonistas até onde o desejo permitir. A boneca de pano que transita do choro ao sorriso e emite sons como um recém-nascido; o carrinho de plástico que faz o barulho trêmulo do “cantar” dos pneus quando para em frente a um obstáculo e o som agudo trepidante ao fazer uma curva com grande velocidade estão presentes na imaginação das crianças que os materializa nas suas brincadeiras de faz-de-conta. O desejo da criança em fazer coisas que os adultos realizam no cotidiano a faz inventar uma situação imaginária para brincar daquilo que gostaria de fazer na vida real. De acordo com Prestes (2011), “impedida de vivenciar a situação real, a criança inventa o faz-de-conta [...] que, a partir dos dois anos, vai guiar o desenvolvimento psicológico infantil” (p.3-4).

## Metodologia de Pesquisa

Em 2017, construímos uma história de faz-de-conta (HFC) para ser apresentada para uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental, constituída por 21 crianças com idades entre 10 e 12 anos, de uma escola pública municipal, situada numa cidade do interior de Minas Gerais, com o objetivo de nutrir a imaginação das crianças e incentivar o protagonismo autônomo delas nas atividades de construção e de manipulação de brinquedos científicos<sup>2</sup>.

A HFC e as atividades de construção e de manipulação de brinquedos científicos foram realizadas em cinco encontros, com quatro aulas de Ciências geminadas de 40 minutos cada (Tabela 1).

| Encontro | Atividade                        |
|----------|----------------------------------|
| 01       | A história de faz de conta (HFC) |
| 02       | O balão mágico                   |
| 03       | O estetoscópio de funil          |
| 04       | A garrafa mágica                 |
| 05       | O carrinho de elástico           |

Tabela 1: Atividades de construção e de manipulação de brinquedos científicos

As atividades foram desenvolvidas por um dos pesquisadores, sendo que a professora de

---

<sup>2</sup> Brinquedos utilizados para explorar fenômenos físicos na Educação em Ciências no Ensino Fundamental (EIRAS; MENEZES, 2012, 2013; MENEZES et al., 2016).

Ciências da turma investigada auxiliou na observação e na coleta de dados.

Neste trabalho analisamos o protagonismo autônomo de Gilson<sup>3</sup>, relacionado à HFC, numa abordagem qualitativa, na perspectiva histórico-cultural (LÜDKE; ANDRÉ, 1986; FREITAS, 1996). Os dados foram coletados a partir de três instrumentos: gravações em áudio (*smartphone*) e em vídeo (duas câmeras – uma fixa e outra móvel); anotações no diário de campo obtidas da observação *in locus*; e conversas informais com as crianças.

## **Desenvolvimento da Pesquisa**

No primeiro encontro, o enredo da HFC foi apresentado para as crianças a partir de imagens projetadas na lousa branca da sala de aula com o uso de um computador. Em vários momentos, as crianças foram convidadas a participarem da sua construção.

De forma resumida, a HFC relata uma guerra entre o planeta Terra e o planeta Marte, ocorrida no ano de 2023. Em consequência dessa guerra, apesar da vitória da Terra, os marcianos causaram vários problemas, entre eles, a contaminação do ar com o vírus Intergaláctico que, ao entrar no corpo humano dos adultos destrói todo o conhecimento científico. Entretanto, os jovens não foram infectados por esse vírus. Com a destruição dos livros, computadores e Internet, as crianças foram desafiadas a usarem o conhecimento científico para salvar o planeta. A partir da resposta das crianças em aceitar o desafio, cada uma delas foi presenteada com um jaleco branco e um crachá. No crachá, a criança poderia colocar nome, idade e foto, ou desenhar algo que a identificasse. Ao receberem o jaleco e o crachá, a alegria e o entusiasmo das crianças foram evidentes: todos queriam vestir o jaleco e fixar o crachá na altura do peito.

Gilson, uma das crianças da turma, mostrou-se bastante envolvido com a HFC, a tal ponto de relatar espontaneamente a sua brincadeira de faz-de-conta de cientista.

### **A brincadeira de faz-de-conta de Gilson**

Em vários momentos durante os encontros, Gilson relatou espontaneamente a sua brincadeira de faz-de-conta de cientista, sempre mostrando um caderno que servia como seu diário de cientista, no qual anotava suas observações e experiências. Segundo ele, seu tio construiu uma casa na árvore do quintal de sua casa, onde ele e seu primo de seis anos de idade, ambos vestidos com um jaleco branco, brincavam de cientista, observando insetos, plantas e outras coisas que julgavam interessantes. Gilson verbalizou, demonstrando seriedade: “Na casa da árvore, só entra se for cientista. Só pode entrar com o jaleco. Só entra eu e meu primo mesmo. Brincamos quase todo dia”.

No seu diário de cientista, Gilson descreveu detalhadamente várias de suas ações, tais como: as observações e as experiências realizadas na casa da árvore do quintal de sua casa; as atividades com os brinquedos científicos, realizadas na sala de aula; e projetos de dispositivos construídos ou a serem construídos por ele.

Em relação às suas observações de cientista no quintal de sua casa, Gilson construiu uma narrativa intitulada “A Grande luta”, na qual indica o local do evento (“no quintal”), os participantes (“a aranha e o mosquito”) e descreve em detalhes o que aconteceu na contenda entre os participantes. Gilson também descreve suas experiências científicas: uma delas denominada “Brincando com os sucos”, na qual mostra como podemos conseguir outros

---

<sup>3</sup> Nome fictício de uma criança da turma investigada, de 10 anos de idade.

sabores misturando sucos diferentes; e outra, nomeada de “Vulcão”, na qual mostra como construir um vulcão com bicarbonato de sódio e vinagre<sup>4</sup>. As duas experiências foram descritas em três seções, nomeadas por ele de: “Ingredientes”, na qual apresenta o material necessário; “Como fazer”, na qual descreve o que deve ser feito; e “Explicação”, na qual Gilson explica, com suas palavras, o resultado da experiência.

As atividades com os brinquedos científicos (balão mágico, estetoscópio de funil e garrafa mágica), realizadas em sala de aula, também foram descritas por Gilson no seu diário, em duas seções, nomeadas por ele de: “Ingredientes”, na qual apresenta o material necessário para a construção do brinquedo; e “Como fazer”, onde descreve o procedimento de construção do brinquedo científico. Ainda em relação aos brinquedos científicos, no quinto encontro, sem ser perguntado, Gilson relatou ter realizado uma brincadeira com a sua mãe, explorando o movimento do objeto dentro da garrafa mágica, construída por ele no quarto encontro, além de ter explicado para ela o porquê daquele fenômeno. Ademais, Gilson também disse ter explicado as atividades realizadas com os brinquedos científicos para o seu primo de seis anos de idade: “Eu guardo todas as folhas<sup>5</sup> que você dá para gente e mostro para ele porque ele já entende um bocado.”

Após o terceiro encontro, no qual foi realizada a atividade de construção e manipulação do estetoscópio de funil, Gilson relatou, com alegria e entusiasmo, ter inventado um fone de ouvido: “Eu inventei um fone de ouvido, eu inventei um fone de ouvido, professor!!!”, mostrando o projeto no seu diário de cientista. Segundo ele, o seu fone científico (denominação dada por Gilson) possibilitava escutar música com o ouvido afastado do celular, pois não é saudável crianças utilizarem o celular próximo aos ouvidos. Por isso, imaginou o aparelho constituído de três funis de plástico, mangueira e balões de borracha, objetos utilizados na construção do estetoscópio de funil, no terceiro encontro. No seu diário de cientista, Gilson mostrou o desenho do fone científico, indicou o material necessário para sua construção na seção “Ingredientes” e explicou como construí-lo na seção “Como fazer”. Além disso, Gilson também mostrou em seu diário o projeto de um recipiente para armazenamento de suco de frutas, que não o derrama ao ser servido. Empolgado pela atenção dada às suas ideias, Gilson também explicou como construir um elevador com caixas de papelão e barbantes para transportar seus brinquedos de um nível mais baixo para outro mais alto.

Os momentos relatados evidenciam o protagonismo autônomo de Gilson a partir da HFC, materializado na brincadeira de faz-de-conta de ser cientista, na qual observava coisas interessantes e realizava experiências no quintal de sua casa, na socialização do brinquedo científico com a sua mãe e com o seu primo, na idealização e construção de seu fone científico, nos projetos de um elevador para transportar os seus brinquedos e do recipiente para armazenar suco.

## Considerações finais

Neste estudo percebemos o potencial da história de faz-de-conta (HFC) em servir como um mecanismo de disparo para Gilson exercer o protagonismo autônomo em várias ações não orientadas por terceiros, isto é, ações exercidas autonomamente por ele, além de nutrir o seu protagonismo autônomo no transcorrer dos encontros. Acreditamos que isso acontece devido ao fato de a HFC apresentada ter sido formatada como uma brincadeira que incentiva a imaginação

---

<sup>4</sup> A experiência com o vulcão foi realizada pela professora de Ciências da escola no ano anterior.

<sup>5</sup> Referindo-se às folhas distribuídas às crianças para a realização das atividades com os brinquedos científicos.

das crianças, sendo naturalmente acolhida por elas, pois a brincadeira é uma ação natural do mundo pueril, permitindo à criança exercer o protagonismo autônomo sem o receio de errar.

O exercício do protagonismo autônomo sem o receio de errar é bem evidente nos registros produzidos por Gilson no seu diário de cientista, nos quais suas observações, experiências e projetos são detalhados através da escrita e de desenhos. De acordo com a professora de Ciências, as crianças daquela turma apresentavam evidentes dificuldades de escrita, de leitura e de interpretação de textos. Apesar disso, os erros gramaticais e a dificuldade de grafia observadas nos textos produzidos por Gilson não o impediram de registrar as suas ideias livremente, compartilhando-as com outras pessoas. É este emponderamento, materializado no protagonismo autônomo, que incentiva o movimento das crianças no complexo processo de construção do conhecimento científico.

Entretanto, uma criança não assume o protagonismo autônomo de forma imediata, ou seja, o protagonismo autônomo é conquistado gradativamente, provocando um aumento na autoestima da criança até que se sinta capaz de exercê-lo perante aos demais.

Apesar do resultado do estudo aqui apresentado focalizar a HFC como mecanismo de disparo para Gilson exercer o protagonismo autônomo nas ações descritas, uma atividade pontual não é suficiente para uma criança exercer esse protagonismo habitualmente. Portanto, é fundamental que a escola promova um contexto cuidadosamente construído para incentivar as crianças a exercerem o protagonismo autônomo nas atividades escolares, independente da área do conhecimento.

Por fim, acreditamos que o incentivo ao protagonismo autônomo da criança nas atividades escolares seja estendido para o ambiente familiar pela própria criança, auxiliando na sua formação como cidadão capaz, ético, responsável e corajoso no enfrentamento de desafios.

## **Agradecimentos e apoios**

Agradecemos ao Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais – Campus Juiz de Fora e à Fapemig pelo apoio para a realização deste estudo.

## **Referências**

CORSARO, W. A. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. 384 p.

EIRAS, W. C. S.; MENEZES, P. H. D. Capacitação de professores para o ensino de ciências nos anos iniciais: uma experiência com brinquedos científicos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM ENSINO DE FÍSICA, 4., 2012, Maresias. Anais.... Maresias, 2012.

\_\_\_\_\_. Ensino de Física nos anos iniciais: relato de um curso de capacitação para professores que ensinam ciências no nível fundamental I. In: XX Simpósio Nacional de Ensino de Física, 2013, São Paulo-SP. Anais eletrônicos....

FERNANDES, N. Infância e direitos: participação das crianças nos contextos de vida: representações, práticas e poderes. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade do Minho. Porto: Afrontamento, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/6978>.> Acesso em: 5 mar. 2018.

FREITAS, M. T. A. Bakthin e a psicologia. In FARACO, C. A. et al. Diálogos com Bakthin. Curitiba: Editora da UFPR, 1996, p. 165–187.

FRIEDMANN, A. Protagonismo infantil. In: LOVATO, A.; YIRULA, C. P.; FRANZIM, R. (Orgs.) Protagonismo: a potência de ação da comunidade escolar. 1. ed. São Paulo:

Ashoka/Alana, 2017, p. 42–45.

HART, R. A. Children's participation from tokenism to citizenship. Itália: UNICEF, 1992.

LOPES, J. J. M. **Geografia e educação infantil**: espaços e tempos desacostumados. Porto Alegre: Mediação, 2018. 112 p.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 1986. 100p.

MENEZES, P. H. D. et al. **Ensino de ciências com brinquedos científicos**. São Paulo: Livraria da Física, 2016. 68 p.

O'KANE, C. Children's participation in the analysis, planning and design of programmes: a guide for salve the children staff. 2013. Disponível em:  
<[http://www.unicef.org/adolescence/cypguide/files/Children\\_Participation\\_in\\_Programming\\_Cycle.pdf](http://www.unicef.org/adolescence/cypguide/files/Children_Participation_in_Programming_Cycle.pdf)>. Acesso em: 5 mai. 2108.

PRESTES, Z. A brincadeira de faz de conta como atividade guia. Prefeitura Municipal de Florianópolis, Florianópolis, 2011. Disponível em:  
<[http://portal.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/14\\_02\\_2011\\_11.23.25.5523439fc322d424a19c109abd2d2bb9.pdf](http://portal.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/14_02_2011_11.23.25.5523439fc322d424a19c109abd2d2bb9.pdf)> Acesso em: 20 jun. 2016.

SARAMAGO, S. S. S. O protagonismo das crianças. 2005. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa, 2005. Disponível em:  
<<https://repositorio.iscte-inl.pt/handle/10071/2368>>. Acesso em: 07 jun. 2018.

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas na infância e educação. Porto Alegre, Portugal: Edições ASA, 2004.